

Sarney e Soares discutem literatura

Presidentes tomam café da manhã com escritores e, em vez de política, falam de cultura

MILTON BLAY
Especial para o Estado

EM FIM DE GOVERNO PARIS — Os presidentes do Brasil e de Portugal, José Sarney e Mário Soares, transformaram o café da manhã de ontem, no Saint James Club de Paris, numa tertúlia literária. Ali estavam presentes Josué Montelo, Zélia Gatay, Jorge Amado e o português José Saramago, autor do *Memorial do Convento*.

Falou-se muito de cultura, aparentemente pouco de política ou de cooperação econômica bilateral. Os dois presidentes são amigos de longa data e "bateram um papo descontraído", segundo Mário Soares, que, após cumprimentar os jornalistas um a um, no melhor estilo populista, mostrou claramente não estar disposto a falar de coisas sérias. Mesmo assim, o presidente português insistiu no fato de que os empresários brasileiros devem aproveitar os laços privilegiados com Portugal, como porta de entrada da Comunidade Econômica Europeia principalmente a partir de 1992, com o fim das fronteiras entre os países-membros. Mas ficou sem resposta quando indagado sobre a pressão da CEE contra o acordo de binacionalidade entre Brasil e Portugal. Já se sabe que Jacques Delors, presidente da Comissão da CEE, exigirá a denúncia deste acordo a partir de 92. O presidente português limitou-se a um enigmático "vamos ver".

A binacionalidade estaria em risco? É possível, pois o próprio ministro Abreu Sodré admitiu que terão de ser feitos alguns "acertos técnicos" no



Sarney, rodeado por jornalistas em Paris, confirma a "maladie diplomatique" que o tirou do banquete

Radiobrás

acordo para adequá-lo à futura situação da Europa.

EMBARQUE

Ao embarcar ontem às 14 horas (horário local), de Paris — Orly para Brasília, o presidente José Sarney confirmou a "doença" que o impediu de participar do banquete de encerramento das comemorações do bicentenário da Revolução Francesa, na noite de anteontem, justificando-a como uma *maladie diplomatique*, ou "doença diplomática".

De acordo com o doutor Messias de Araújo, médico pessoal do presidente, isso quer dizer mal-estar gastro-intestinal, tratado com antiespasmódico e

dieta. O doutor Messias afirmou que Sarney não foi ao jantar por sua recomendação.

O presidente não disse, porém, se a *maladie diplomatique* foi ou não intencional, pois razões não lhe faltariam para explicar a ausência do banquete. Ao longo da viagem, Sarney se queixou repetidas vezes do fato de ter sido posto em "quarentena" pelos chefes de Estado dos países ricos, por estar em fim de mandato. De qualquer maneira, o mal-estar veio em boa hora, evitando-lhe mais uma prova desagradável.

Entre diplomatas, seguranças, assessores civis e militares, convidados e "caronas" estava

previsto o embarque de 120 brasileiros. No entanto, alguns preferiram permanecer uns dias mais em Paris: José Seixas Corrêa, porta-voz da Presidência, o ministro Abreu Sodré e seu assessor Gilberto Veloso, Adolfo Bloch e esposa, e Saulo Ramos, que sai de férias para um cruzeiro pelas ilhas gregas.

A comitiva parecia gigantesca ao lado dos gregos, que os precederam, com apenas 28 membros da delegação. Mas, mesmo assim, o embarque foi discreto. Os brasileiros, inclusive os "caronas", não carregavam mais que uma mala de mão.

Apesar da discrição do embarque, era impossível saber se

houve ou não exagero nas compras parisienses, uma vez que as malas saíram do Hotel Nikko (onde os brasileiros ocuparam quase 60 quartos) às escondidas, de madrugada, seguindo diretamente para o bagageiro do avião.

Para encerrar a visita com chave de ouro, o presidente José Sarney esqueceu-se de se despedir do ministro Jean Poperen, encarregado das Relações com o Parlamento, que ali estava em nome do governo francês para acompanhar os chefes de Estado que participaram dos festejos. Jean Poperen deu a mão a Marly, mas o presidente Sarney já estava longe.

Indisposição e fracasso político

PARIS — O triste embarque de volta da comitiva do presidente José Sarney, ontem em Orly, contrastava violentamente com a alegria do desembarque, quando mais de cem funcionários, agentes de segurança, diplomatas e muitos "caronas" chegaram, para as festas do bicentenário da Revolução Francesa. As severas críticas da imprensa brasileira e a discreta recepção reservada ao presidente brasileiro estão na origem da "irritação gástrica" que impediu Sarney de ir ao banquete em que chefes de governo de países ricos e pobres jantaram separadamente, antes de assistirem, juntos, ao grande desfile pelos Champs Elysées e pela praça de la Concorde.

A viagem de Sarney a Paris foi um grave malogro político. Seus contatos com governantes dos 32 países presentes foram limitados — encontrou-se apenas com Carlos Salinas, do México, Rajiv Ghandi, da Índia, e Mário Soares, de Portugal, além de ter participado de uma reunião de trabalho com quatro presidentes latino-americanos. Nenhum encontro de trabalho com qualquer dos sete representantes dos grandes países industrializados.

O único ponto positivo talvez tenha sido a carta enviada por Sarney ao presidente François Mitterrand, cujo texto foi destacado ontem pelo matutino *Le Figaro* e considerado uma advertência a alguns Estados ainda insensíveis à grave crise da dívida dos países latino-americanos e às perspectivas de explosões políticas e sociais. Mitterrand também mencionou a carta na reunião no Arco da Defesa, dos sete grandes. R.J.